

Artes Feministas

Artivismos



e Sul Global

Cláudia de Oliveira
Paula Guerra

Da distopia à utopia. Uma possível história alternativa

O feminismo, atualmente, é quase onipresente nas sociedades. Está presente nas canções, nos trabalhos acadêmicos, na televisão, na publicidade, nas redes sociais e nos mais diversos campos artísticos e de ação político-social. Contudo, nunca precisou tanto de ser questionado e revisitado. Com a escrita deste livro, apercebemo-nos do quanto o próprio conceito de feminismo também acaba por ser segregador, porque foi construído em função de uma imagem ocidentalizada e europeia, deixando de parte mulheres negras, de classes trabalhadoras e mulheres de cor.

Com a redação deste posfácio, pretendemos propor uma história alternativa, isto é, pretendemos pensar no e se; e, ao fazer isso, estamos também a pensar sobre a forma como as sociedades seriam se fossem diferentes. Então, começemos por Juliana Notari. Todas as obras da artista aqui apresentadas foram alvo de controvérsia, contudo aquela que se destaca nesse sentido é *Diva*. O primeiro questionamento ou suposição – se assim lhe quisermos chamar – que marca esta história alternativa, diz respeito ao campo da história da arte e, por sua vez, ao papel que a mulher representa no âmbito das artes contemporâneas.

Em relação a Juliana Notari, escrevemos que ela tem uma relação familiar com o campo das artes, por parte do seu pai e do seu avô. Mas e se a artista não tivesse esse background? Teriam Notari e suas obras a mesma repercussão no campo artístico? Estas foram as primeiras questões que emergiram. Além disso, também escrevemos que Notari se identifica como uma mulher branca, de classe média e de meia idade. Contudo, também importa questionar o que seria diferente se ela fosse uma mulher negra a ter como foco artístico a imagem de uma vulva ferida. Foi referido que a imagem objetificada e sexualizada da mulher tem início com a pintura renascentista, principalmente através dos quadros de nus que retratavam mulheres brancas. Esse olhar masculino, paulatinamente, moldou um padrão de comportamento e de beleza que até hoje se mantém. Para Notari, a imagem da vulva vai ao

encontro destas questões. Assim, diz respeito a um quadro referencial que representa e retrata o modo como o seu corpo se funde com a sua produção, fazendo alusão a uma identidade cultural, em que a mulher branca tem sido objetificada e sexualizada. Se talvez fosse uma artista negra, a imagem de uma vulva ferida pretendesse retratar outros imaginários, isto é, ao invés de se assumir meramente como uma crítica política, acabaria por adquirir significados no campo da resistência e da afirmação identitária. Mais ainda, se estivessemos a falar de uma artista negra, poderíamos até nem estar a tratar de uma vulva. Poderíamos, por exemplo, estar perante uma escultura a céu aberto que retratasse o cabelo da mulher negra.

O cabelo, no nosso entender, é um dos tópicos da história alternativa que deve ser abordado. Desde sempre que o cabelo de mulheres e homens negros tem sido objeto de curiosidade por parte das sociedades ocidentais, sendo tido quase como uma atração de circo, envolvido em múltiplos discursos e práticas discriminatórias e estereotipadas. No fanzine *A Kindumba da A.N.A* [2019] essas questões são retratadas por via da imagem. Nesse fanzine, é apresentada uma vinheta que identifica vários séculos e, em todos eles – além de estar presente a participação da mulher negra nas sociedades – a frase “Posso tocar?” é constante [Fig.55].



Fig. 55 *A kindumba da A.N.A*, Francisca Nzenze de Meireles (Chiquinha), 2019. Fanzine. Fonte: Meireles (2019:3)

Para autores como Johnson e Bankhead [2014], o cabelo, para muitas mulheres de ascendência africana, é emocional, simbólico e um elemento inseparável da sua identidade. Contudo, tal como é retratado na Fig. 55, o cabelo da mulher e do homem negros tem sido envolto em exoticismos que, por sua vez, são profundamente estigmatizadores e segregadores.

A obra de Juliana Notari foi entendida como uma imagem política representativa de todos os sentenciados e condenados pela masculinidade branca e heterossexual. Como escrevemos, Notari em entrevista referiu que a

escultura Diva abre o campo da arte “para as mulheres pretas, para os homens pretos, para os descendentes indígenas, para os indígenas, para os trans, para os gays”; mas, e se estivéssemos perante uma obra criada por uma artista negra? Será que seria socialmente aceito esse tipo de discurso? Talvez não, porque o Brasil é uma das sociedades com mais desigualdade de gênero. No ranking de igualdade, fica atrás de países com nível de desenvolvimento econômico semelhante na América Latina [Alvarenga, 2017]. Nesse sentido, o campo das artes é um terreno repleto de areias movediças. A escultura Diva foi desde logo alvo de ataques, tendo sido acusada de obscena, racista, transfóbica, genitalista e antiecológica. Tais ataques vieram de homens homofóbicos e de mulheres trans que acusavam a obra de ser a representação de uma mulher cisgênero [Oliveira & Guerra, 2021]. Além disso, como já mencionamos antes, Notari também foi acusada de racismo pelo facto de a escultura ter sido talhada por 20 operários negros.

Aquilo que pretendemos evidenciar aqui é que a arte, ao ser um campo de significados, de sentidos e de simbologias, pode ser interpretada e repensada sob vários olhares. Além disso, também podemos referir que, em se tratando do campo social, os efeitos de bola de neve são uma constante, pois se estivéssemos perante uma artista negra, que esculpisse um cabelo crespo a céu aberto, e que tivesse contado com a ajuda de operários negros, provavelmente as mulheres brancas ou trans também não se sentiriam representadas.

Na verdade, se a arte fosse vista pela arte, como uma mensagem política, como uma forma de cidadania ou de participação social, talvez – paulatinamente – as desigualdades no campo artístico fossem esmorecendo com o tempo. Mais ainda, se isso acontecesse, possivelmente os meios de comunicação e as críticas/os de arte adotariam perspectivas e discursos distintos.

Paralelamente, levantamos a seguinte hipótese: e se, desde as sociedades antigas, não tivesse acontecido uma diferenciação de posição social em função da cor da pele ou do gênero? Se isso tivesse acontecido, provavelmente na atualidade, quando falássemos em conceitos como o de empoderamento, não falaríamos do empoderamento das mulheres. Talvez as correntes teóricas e mais tarde os movimentos sociais feministas não tivessem sequer existido. Então, se isso tivesse acontecido, eventualmente tópicos como a igualdade ou a equidade fossem conceitos por inventar, pois não seriam necessários, uma vez que estariam já instituídos. Aliás, se pensarmos de forma mais específica nos contributos de Simone de Beauvoir e a distinção que ela fez entre sexo e gênero, poderíamos mesmo visualizar um cenário em que tal obra não tivesse surgido. Em tal cenário não haveria uma distinção de papéis – atribuídos socialmente – aos homens e às mulheres. Desse modo, a ideia de um sujeito universal seria um ideal possível, e não apenas uma utopia. Não haveria o Outro do homem. Na verdade, não haveria o Outro sequer.

A mulher neste livro foi uma pedra de toque, até porque, aos olhos dos estudos académicos contemporâneos, as mulheres têm sido destacadas como o objeto de múltiplas desigualdades e preconceitos. Na verdade, têm sido o foco do patriarcalismo, aspecto esse que advém de um conjunto de condicionamentos históricos. Com efeito, um desses condicionamentos foi por nós abordado neste livro, nomeadamente a caça às bruxas. Como foi

mencionado, o fenômeno da caça às bruxas no Ocidente relata a condição da mulher e o seu posicionamento nas hierarquias de gênero desde a Idade Média. Mas e se a caça às bruxas tivesse sido antes uma caça aos bruxos? Se tal tivesse sucedido, possivelmente agora estaríamos a tratar de um posicionamento do homem como inferior à mulher. Além disso, também questionamos o que teria sido diferente se o epicentro desse fenômeno tivessem as cidades e não o campo? Atendendo à emergência do modo de produção capitalista, talvez a prática de bruxaria ou de feitiçaria se tivesse institucionalizado e até tornado um fator de comercialização. Como enunciamos, se a caça aos bruxos se tivesse institucionalizado, talvez nesta altura falássemos de um processo histórico de assassinato de homens; ou, pelo contrário, se mantivéssemos em mente o poder patriarcal e a força do homem junto da Igreja, possivelmente essa prática teria sido enaltecida, e o homem seria tido como o principal defensor da humanidade e como uma força capaz de lutar contra a figura do demônio.

Também aqui, com a construção de um imaginário em que homens tivessem sido a cara da caça às bruxas – ou aos bruxos – possivelmente a imagem do bruxo ter-se-ia tornado um modelo de ruptura com os papéis de gênero, de sexualidade e de comportamento criminoso. Partindo do senso comum, ainda na atualidade, o homem associado a questões de bruxaria ou de feitiçaria é visto como charlatão, em oposição às mulheres, tidas como uma figura mais ou menos legítima neste campo. Se a história tivesse sido escrita de forma diferente, esse imaginário na atualidade seria diferente.

Com efeito, aquilo que pretendemos destacar com a escrita deste posfácio é que não existem histórias definitivas. Partindo do passado, os futuros podem sempre ser reescritos. Na verdade, o nosso principal intuito é instigar o leitor deste livro a ser uma força motriz de mudança, isto é, que ele próprio crie um cenário de história alternativa e que, a partir da construção desse imaginário, ele possa encontrar ou construir ferramentas que o tornem um agente de mudança social. Mesmo para as autoras, a redação deste livro baseou-se num processo de introspeção, a partir do qual foram fomentados novos olhares e novas abordagens. A história necessita de ser repensada, considerando as variáveis de raça, de classe social e de gênero. Tal faz-nos lembrar as Pussy Riot quando, em 2012, entalaram o presidente da Rússia, Vladimir Putin, num dilema inesperado e improvável: ou seu governo condenava a banda e aumentava ainda mais o seu estatuto de mártires; ou recuava e admitia que seria um erro acusar o trio mascarado por um protesto musical na Catedral de Cristo Salvador, episódio que chamou a atenção para a aliança da Igreja russa com o regime de Putin. Ao optar pela primeira via, o governo Putin transformou as Pussy Riot num fenômeno internacional e transnacional: as três detidas foram consideradas prisioneiras de consciência pela Anistia Internacional. E mais: com as Pussy Riot emergiu um método de protesto cheio de possibilidades e que pode ser utilizado a nível global, ultrapassando as fronteiras nacionais. Putin pode encarcerar os membros do coletivo, mas as possibilidades de protesto digital são incontáveis. Na manifestação que as levou à prisão, as Pussy Riot deram um concerto numa igreja de Moscou com os rostos cobertos por balaclavas coloridas. Podiam ser qualquer pessoa, como notou Jessica Gokhberg, em seu artigo *Anyone can be Pussy Riot: exploring the possibilities of transnational digital feminism* [2021]; e isso poderá ser a inspiração para as próximas Pussy Riot por todo o lado.